



<https://doi.org/10.30681/real.v15.6115>

A INDETERMINAÇÃO DA LINGUAGEM E ANÁLISE GRAMATICAL

Isael da Silva SOUSA (UNEMAT)¹
Albano Dalla PRIA (UNEMAT)²

REZENDE, L.M. A indeterminação da linguagem e análise gramatical. In: DIAS, L. F. (Org.). **Língua e Enunciação: roteiros e estações**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2018.

O artigo “A indeterminação da linguagem e análise gramatical”, de autoria de Letícia Rezende, foi publicado no Livro “Língua e Enunciação: roteiros e estações”, organizado por Luiz Francisco Dias, que consiste em uma coletânea que reúne artigos dos trabalhos apresentados na segunda edição do *Seminário Enunciação e Materialidades Linguísticas* (II ENUNCIAR), realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), nos dias 18 e 19 de agosto de 2016.

Ressalte-se que Letícia Rezende, professora titular aposentada da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), é graduada em Letras pela UNESP (1972) e doutora em Linguística pela *Université de Paris VII - Université Denis Diderot* (1980). A autora foi orientada no doutorado por Antoine Culioli³ e é uma das principais referências brasileiras da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE).

A autora inicia o artigo pontuando que dividiu o texto em duas partes: na primeira, é discutida a tese da indeterminação da linguagem; e na segunda, é realizada uma análise de duas construções gramaticais (a relativização e a nominalização). Rezende extrai das análises questões teóricas que foram colocadas na primeira parte do texto. De maneira geral, o artigo está dividido em oito seções, incluindo a introdução e as considerações finais.

Na segunda seção, intitulada “A indeterminação da linguagem”, Rezende afirma que o homem nasce indeterminado e orientado para outro. Nessa orientação em direção ao outro, ele,

¹ Mestre em Letras, com área de concentração em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal do Piauí (PPGEL/UFPI). Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (PPGL/UNEMAT). E-mail: isaelsousah@gmail.com

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Fez estágio pós-doutoral em Linguística (Semântica) na Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Docente do Curso de graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Coordenador do Grupo de Pesquisa Variação e Invariantes na Linguagem (CNPq). E-mail: adallapria@gmail.com

³ Antoine Culioli (1924-2018), linguística francês, é o fundador da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE).



o homem, também se determina e/ou se define na medida em que determina o outro. A linguagem é assumida pela autora como uma forma operatória de natureza cognitiva, isto é, um mecanismo cognitivo. Como consequência, o léxico e a gramática estão articulados.

Na história da linguística é possível vermos duas situações: de um lado, o estruturalismo, que não possui hipóteses fortes sobre o que é a linguagem; de outro, a gramática gerativa que propôs hipóteses mais fortes sobre a linguagem e defendeu a busca de universais, no entanto, também defendeu um conceito de linguagem exclusivo das línguas e não a linguagem como cognição. Diferente das duas perspectivas supracitadas, Rezende amplia o conceito de linguagem com hipóteses claras sobre a sua natureza e funcionamento ao propor a tese da indeterminação da linguagem. A autora toma, com base na sua filiação teórica, a linguagem em articulação com as línguas naturais. A linguagem é, então, um trabalho de representação, referenciação e equilíbrio.

Na terceira seção, intitulada “Natureza da interação verbal e a variação linguística”, a autora destaca que a produção verbal é produção, mas a recepção também é produção, isto é, quando escutamos também estamos produzindo um texto mental. Assim, na interação verbal, quando falamos, simultaneamente escutamos o outro-outro e a nós mesmos enquanto outro. Portanto, temos sempre sujeitos ativos e a linguagem, como processo de equilíbrio, está constantemente trabalhando no conflito entre os textos.

Nesta mesma seção, Rezende argumenta, ainda, que as consequências de a linguagem ser indeterminada são que quando falamos e escrevemos, ou mesmo quando escutamos e lemos, estamos nos determinando e determinando o outro. O processo de equilíbrio é, na realidade, de natureza psicossociológica, uma vez que estamos sempre nos regulando. À vista disso, a autora advoga que a variação é radical (intersujeito, intrassujeitos e, conseqüentemente, intralíngua e interlíngua), e os parâmetros que interessam para a TOPE são: a) o empírico (extremamente diversificado); b) a variação intrassujeito e intersujeito; c) e o trabalho operatório de ajustamento ou equilíbrio da linguagem.

Na quarta seção, intitulada “A indeterminação da linguagem e a inserção do sujeito nas análises linguísticas: apropriação e criatividade”, a autora destaca que o linguista culioliano vai se apropriar dos espaços enunciativos que o transformam em sujeito e, com o auxílio da teoria, vai estudar os ajustamentos, a equilíbrio na intimidade de suas representações. Assim, o trabalho da linguagem é sempre de natureza formal e a diferença está na diversidade do empírico. A articulação entre o empírico e formal passa pela compreensão desses dois momentos que são, ao mesmo tempo, distintos e articulados.



A apropriação para Rezende é, portanto, a capacidade de se instaurar como origem do discurso, não havendo distinção entre apropriação e criatividade. A autora advoga que o processo de apropriação gera, ao mesmo tempo, a transformação do conhecimento, bem como a construção e a definição do sujeito.

Na quinta seção, intitulada “Questionando polarizações metodológicas fundamentais: o absoluto e o relativo”, Rezende argumenta que quando saímos da polarização absoluta, surge uma outra proposta metodológica: a busca de invariantes dinâmicas ou invariância, isto é, a procura dos processos generalizáveis dentro da variação radical. A autora divide a seção em três subseções, são elas: 5.1 ambiguidade, 5.2 paráfrase e 5.3 a atividade epilinguística.

Na subseção 5.1, Rezende diz que a ambiguidade é de fundamento da linguagem, pois todos os enunciados de uma língua são ambíguos; em outros termos, trata-se de uma ambiguidade no funcionamento da linguagem. É válido explicitarmos que na subseção 5.2, Rezende destaca que quando falamos de outro modo, falamos necessariamente outra coisa, dado que a sutil mudança de expressão e de significado consiste em uma consequência da mudança no cenário psicossociológico. Na subseção 5.3, Rezende argumenta que a atividade epilinguística é uma atividade não consciente ou pré-consciente e nunca inconsciente.

Na sexta seção, intitulada “Ainda variação e questões metodológicas”, Rezende defende que só se pode acessar os processos generalizáveis (invariância) quando o linguista se assume como um sujeito, se insere em uma determinada cultura e é falante de uma língua dada. Na verdade, o linguista precisa fazer coincidir os processos generalizáveis (a unidade) e as situações singulares (a diversidade).

À vista disso, pode-se dizer que os processos generalizáveis são as existências de noções, operações e relações. Dessa maneira, no processo de passagem da expressão linguística de um sujeito ao outro não é o valor polarizado que conta, entretanto, o mecanismo de montagem e desmontagem através do qual se pode explicitar o modo como a experiência dos sujeitos com as noções envolvidas pode influenciar na variação do significado final atribuído.

A sétima seção, intitulada “A indeterminação da linguagem e algumas análises gramaticais”, é subdivida por Rezende em duas subseções: 7.1 a relativização e 7.2 a nominalização. Na subseção 7.1, a autora argumenta que a parafraseagem e a desambiguação consistem em dois mecanismos fundamentais da linguagem, dado que sustentam o processo de montagem e desmontagem dos valores diferentes, mas próximos. Para que se possa articular o generalizável e o particular é necessário acessar os processos de abstração que sustentam a atividade de linguagem.



Na subseção 7.2, Rezende advoga que a asserção e/ou contexto encaixante que contém uma nominalização, é intrínseco para a atribuição de valores à nominalização. A autora divide esta subseção em mais duas partes: 7.2.1, análises estática ou classificatória e dinâmica ou operatória e 7.2.2 alguns exemplos analisados. Em 7.2.1, Rezende diz que, se por um lado, a nominalização é um fenômeno gramatical que não tem visibilidade dentro da TOPE, por outro, esta possui todas as características da "noção", conceito central dentro dos estudos culiolianos. A autora destaca que o problema central colocado pela nominalização é o da prioridade da expressão verbal das noções de processo em relação à expressão nominal. Para a TOPE, uma noção não é nem verbal nem nominal; é, na realidade, pré-categorial, ou seja, anterior as categorias do nome e do verbo, e do léxico e da gramática. Em 7.2.2, Rezende explicita que nas nominalizações presentes nos enunciados analisados, pode-se notar a presença de valores instáveis e não a polarização clássica entre valores verbal ou nominal.

Na oitava seção, intitulada “considerações finais ou como a teoria condiciona a análise”, Rezende encerra o texto afirmando que a nominalização e a noção são altamente indeterminadas, oscilam entre valores verbais e nominais, entre processos qualitativos e quantitativos, articulam o léxico e a gramática para obter os seus valores e esboçam projetos de construções da representação que, como já mencionamos, apresentam uma ambiguidade fundamental.

Sem dúvidas, o texto de Rezende é uma leitura fundamental para àqueles que desejam trabalhar com a tese da indeterminação da linguagem em suas pesquisas dentro do quadro teórico da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas. O texto também consiste em uma oportunidade para se entender o que a teoria compreende por apropriação. Para àqueles que trabalham em outras perspectivas, o texto de Rezende é um convite para se conhecer algumas questões teóricas propostas e discutidas pelos pesquisadores culiolianos.